

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 27 • 2020



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2020

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 27 • 2020      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.  
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

## **CABO DE SOMBRINHA ROMANA DE MARFIM ACHADO EM OEIRAS (PORTUGAL)**

### ***IVORY ROMAN UMBRELLA HANDLE FOUND IN OEIRAS (PORTUGAL)***

Germán Rodríguez Martín\*, João Luís Cardoso\*\* & Guilherme Cardoso\*\*\*

#### **Abstract**

In the archaeological excavations carried out in 2017 in the Historic Center of Oeiras (Lisbon, Portugal), an ivory parasol handle was collected in a Roman context whose chronology does not exceed the end of the 2nd century AD. This is the first time that a specimen of this nature it is identified in the Iberian Peninsula, underlining its extreme rarity, whose use was reserved for the ladies of the social elite of the time.

*Keywords:* roman parasol; ivory; Oeiras; Portugal.

## **1 - INTRODUÇÃO**

No decurso das escavações arqueológicas realizadas no âmbito da recuperação do prédio urbano situado na Rua Marquês de Pombal, no Centro Histórico de Oeiras, por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras e no âmbito do Programa “Habitação Jovem” (Fig. 1), foi identificada uma peça de marfim torneado, reconhecendo-se desde logo tratar-se de exemplar atribuível a um cabo de instrumento, de grande raridade. Face a tal constatação, solicitou o responsável das escavações (J.L.C.) a outro autor deste estudo (G.C.), o seu parecer sobre o achado, sendo este da opinião de que se trataria de cabo de uma sombrinha de época romana. Esta hipótese carecia de desenvolvimento e de ser devidamente enquadrada, pelo que foi solicitada a colaboração do primeiro signatário (G.R.M.), de que resultou a confirmação da aludida atribuição funcional. Reuniam-se deste modo as condições para a realização de um estudo monográfico devidamente documentado, plenamente justificado pelo interesse da descoberta; com efeito, até ao presente não se conheciam paralelos para a mesma em território português.

---

\* Doutor em Arqueologia. germanroma@gmail.com

\*\* Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador do ICarEHB (Universidade do Algarve).

\*\*\* Centro de Arqueologia de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa). gijpcardoso@gmail.com



Fig. 1 – Ortofotomapa do Centro Histórico de Oeiras, com a delimitação da área onde se realizou em 2017 a escavação arqueológica, no quadro da sua reconversão urbanística. Base Googlemaps.

## 2 – LOCALIZAÇÃO E CONDIÇÕES DO ACHADO

A peça foi recuperada no interior de um edifício de planta rectangular (Fig. 2), após desmonte de um nível de telhas, o qual corresponde ao derrube do telhado da habitação ou telheiro, que teria colapsado bruscamente (Fig. 3) (CARDOSO; CARDOSO & MARTINS, 2018). O achado efectuou-se no canto formado por duas das paredes de alvenaria que o integravam, jazendo sob o referido nível de derrube de telhas, a uma profundidade de 50 cm numa fina camada de terras acastanhadas, compactas que, por sua vez, assentava em camada avermelhada, estéril, que corresponde ao substrato geológico, correspondendo a depósito natural de *terra rossa*, resultante da alteração dos calcários cretácicos do Cenomaniano superior, aflorantes antes da construção deste edifício.

## 3 – CRONOLOGIA

O nível de derrube do telhado da habitação, exclusivamente constituído por fragmentos de *imbrices* separa os depósitos romanos de época tardo-republicana e alto-imperial (século I a.C. a finais do século II d.C.) dos



**Fig. 2** – Planta da área intervencionada, com a localização do achado (1) e a indicação das estruturas de época romana (Fase I) e da Antiguidade Tardia (Fase 2) e a localização do artefacto em marfim no terreno (n.º 1). Planta elaborada por F. Martins e revista por J. L. Cardoso. Tintagem de B. L. Ferreira.

depósitos de entulhos com espólios de várias épocas, desde o Baixo-Império a materiais das épocas moderna e contemporânea. O depósito, constituído por *imbrices*, corresponde a um nível estratigráfico de referência essencial no estabelecimento da sequência ocupacional verificada na área escavada, podendo concluir-se assim que a cronologia da peça objecto deste estudo, tendo presente a sua recolha sob o referido nível, se situará entre o final do período republicano e o final do Alto Império.



Fig. 3 – Nível de derrube da cobertura do edifício, constituída por *imbrices*, sob o qual se recolheu o cabo de marfim romano.  
Foto de J. L. Cardoso.

## 4 – CARACTERIZAÇÃO DA PEÇA

### 4.1 – Matéria-prima

Avulta desde logo a raridade desta peça entre as produções similares da *Hispania* romana. Trata-se de exemplar de marfim, material escasso e valioso, apenas acessível às classes mais ricas. A presença de artefactos marfim na época romana na Península Ibérica é restrita, desconhecendo-se até agora qualquer oficina onde o mesmo fosse manufacturado, embora a comercialização<sup>1</sup> de produtos oriundos de oficinas forâneas<sup>2</sup> fosse uma realidade na época. Tal realidade contrasta com a forte tradição artesanal do trabalho do marfim em épocas

---

<sup>1</sup> Tendo presente a natureza das produções hispânicas (onde se evidencia uma maior qualidade) afigura-se a existência de comércio deste tipo de objectos desde o início da conquista romana até ao final do Império. Prova desta intensa permuta são os conhecidos marfins da *villa* romana de Carranque (Toledo) (BAQUEDANO & CABALLERO, 2001, p. 141 e seg.), e os de Valdetorres de Jarama (Madrid), produções de época copta procedentes do Egipto (CARRASCO & ELVIRA, 1994, p. 201-208), de finais do século IV ou princípios do V d.C. A estes podem-se juntar as placas recolhidas por Taracena (TARACENA, 1947, p. 103) do século III d.C., a par dos fragmentos decorados de um leito alto-imperial procedente da Colonia de *Hasta Regia*. (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2017), entre outras ocorrências.

<sup>2</sup> Sobretudo de Itália e do Egipto.

mais antigas: é o caso das produções de Valencina de la Concepción (Sevilla), estação do terceiro milénio a.C. (NOCETE et al. 2013, p. 1579-1592)<sup>3</sup>, da oficina argárica de Fuente Álamo (Cuevas de la Almanzora, Almería) (LIESAU & SCHUHMACHER, 2012, p. 121 e seg.), da de Mola D' Agres (Alicante) (PASCUAL, 2012, p. 177 e seg.) e, mais próximo do período que nos ocupamos, da oficina de tradição fenícia de Huelva (GONZÁLEZ de CANALES et al. 2006, p. 105 e seg.). Contudo, na época romana conhece-se assinalável número de oficinas dedicadas à produção de peças de osso, como é o caso das de *Augusta Emerita* (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2014), *Cartago Nova* no Cerro de los Molinetes (MARTÍNEZ SÁNCHEZ, 2009/2010, p. 180) e *Italica*, oficina de Cañada Honda (MARTÍNEZ SÁNCHEZ, 2009/2010, p. 180).

#### 4.2 – Descrição e técnica de fabrico

Trata-se de cabo com 8,74 cm de comprimento máximo, com diâmetro na base de 3,07 cm e de 1,68 cm na zona de encabamento (Fig. 4). Possui um orifício central axial, onde se fixava um espigão, fosse este de metal ou de outra natureza como se verá adiante. A profundidade deste orifício é de 7,86 cm, correspondendo a boa parte do comprimento da peça. Esta possui pequena fractura accidental antiga na parte superior, que facilita a visualização directa do interior da cavidade, evidenciando-se o processo de execução desta, com estrias provocadas pela rotação de uma broca (Fig. 5). Perto da abertura da cavidade assim executada, observa-se um fragmento de madeira incarbonizada aderente à parede daquela. Esta presença de carvão não se verificou no sedimento que embalava a peça, pelo que se pode deduzir que resultou da degradação da haste de madeira que se encontrava fixada ao cabo.

A extremidade inferior da peça, evidencia muito bem o modo como foi executada, através de corte por movimento rotativo ao torno, pelas estrias curvilíneas do centro para a periferia nela observadas (Fig. 6).

Tomou-se um bloco de marfim em bruto, de formato alongado, o qual foi primeiramente seccionado em ambas as extremidades. Seguiu-se depois a execução da abertura da cavidade longitudinal que ocupa a quase totalidade do comprimento da peça, com uma broca, como acima se referiu.

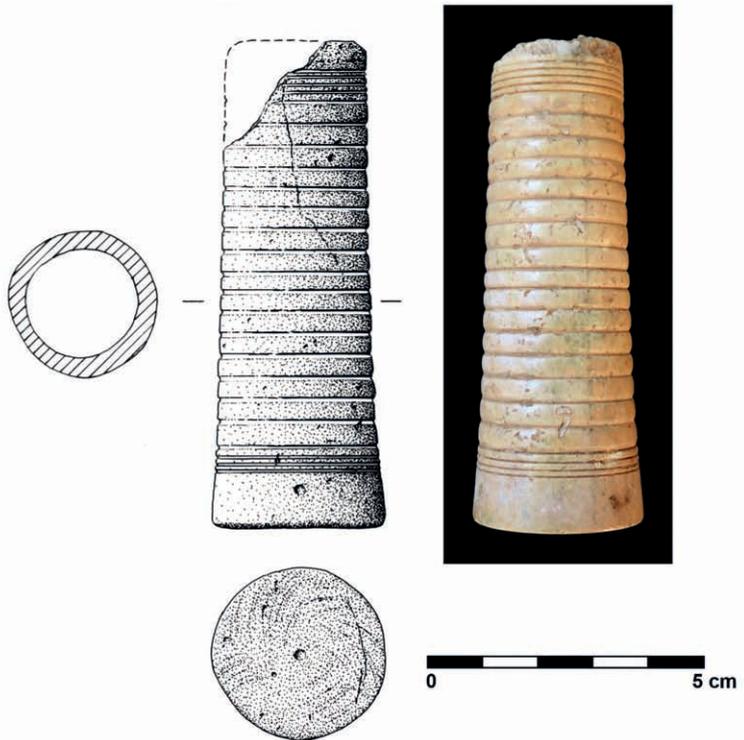


Fig. 4 – Cabo de marfim de sombrinha romana, de Oeiras.  
Desenho de F. Martins; foto de B. Ferreira.

<sup>3</sup> Trata-se de oficina associada a un bairro metalúrgico: “El estudio demuestra que el lugar – ya a comienzos del tercer milenio a.C. – era escenario de una red de intercambio que se extendía hasta Oriente Próximo”. Com efeito, como sublinham os autores, Valencina de la Concepción é o local da Península Ibérica de onde provém a maior quantidade de peças pré-históricas de marfim: braceletes, pentes, caixas cilíndricas, cabos de facas, entre outras.

A partir desse momento procedeu-se ao acabamento da superfície exterior da peça, ainda em tosco, executada ao torno, correspondente à regularização da superfície e à elaboração da decoração, a qual se prolongou até à base.

Para melhor fixação da peça ao torno, aquando da execução do seu afeiçãoamento final, em posição axial, praticou-se pequeno orifício central, observado no centro da base, o qual é bem visível na Fig. 6.

A decoração da peça realizou-se mediante o rebaixamento da superfície da mesma produzido pela sujeição daquela a uma ponta cortante, possivelmente uma goiva, aplicada à peça enquanto esta girava, fixada no torno.

O campo decorado integra dois sectores claramente distintos. Assim, em ambas as extremidades observa-se um conjunto de finas incisões em número desigual: cinco na extremidade superior e três na inferior. A parte restante da superfície foi decorada por caneluras, mais largas e profundas, igualmente com recurso ao torno, por forma a garantir uma melhor aderência à mão.

A última etapa do fabrico da peça consistiu na aplicação de um ténue polimento generalizado a toda a superfície, conferindo-lhe brilho acetinado.



Fig. 5 – Cabo de marfim de sombrinha romana de Oeiras. Pormenor do interior da cavidade nele existente, evidenciando-se as estrias produzidas pela rotação da broca e fragmentos de madeira incarbonizada aderentes à parede daquela, atribuíveis à haste de madeira desaparecida.

#### 4.3 – Funcionalidade

Segundo Kovac (KOVAC, 2017, p. 98), os cabos ósseos de época romana relacionam-se normalmente com espadas e facas, ou outros utensílios domésticos. A matéria-prima empregue em peças produzidas em metais mais nobres, eram o osso, o corno, a haste e, mais raramente, o marfim. As propriedades mais importantes de estas matérias-primas eram a durabilidade e a elasticidade, sendo ideal para a produção de cabos que tinham de suportar esforços consideráveis. Deste modo, segundo MacGregor (1985, p. 165), afigura-se problemático diferenciar os cabos de facas domésticas dos punhos das espadas, no caso de estes não estarem completos.

As características morfológicas do exemplar de Oeiras afastam a hipótese de corresponder a punho de espada, dado que neste caso o espigão da arma deveria atravessar a totalidade do cabo, para fixação ao pomo que o remataria, ocupando a extremidade proximal, o que não se verifica no exemplar em estudo, visto o furo não atingir a base da peça.

A hipótese de corresponder a cabo de objecto cortante como faca ou cutelo é mais difícil de rebater, dado que as medidas e a decoração registadas, sendo esta propícia à melhor aderência à mão, seria compatível com



**Fig. 6** – Cabo de marfim de sombrinha romana de Oeiras. Vista da extremidade basal do cabo, onde se observa o orifício central de sujeição ao torno e linhas de corte e fricção curvilíneas, da periferia para o centro, resultantes do seccionamento produzido a torno. Note-se ainda a pequena depressão central relacionada com a fixação da peça no torno em que foi trabalhada. Foto de B. Ferreira.

tal hipótese (HRNCIARIK, 2017, p. 63 e seg.)<sup>4</sup>. No entanto, a presença de um grande orifício para o encabamento, como se observa no exemplar em apreço, não é compatível com a fixação do espigão de metal, que deveria ser fino e fusiforme para a base. Deste modo, seria necessário existir um elemento intermédio que assegurasse a sua fixação ao cabo, que poderia corresponder ao preenchimento com um ligante do espaço restante da cavidade. Esta hipótese afigura-se difícil de explicar, não só por não existirem vestígios de tal elemento na cavidade, mas sobretudo porque havia a possibilidade durante a sua execução de adaptar o seu tamanho ao do espigão ao qual se deveria ajustar.

Existe ainda um outro elemento, mais decisivo, para excluir a hipótese de se tratar de cabo de faca ou de cutelo, que é a ausência de oxidação do metal na superfície interna do cabo, frequente em exemplares que tenham encabado peças metálicas (cf. ANDERES, 2006, p. 6: “La ausencia de restos de oxidación de metal no permite especificar la naturaleza del elemento, ni el destino del mango”).

Discutidas e afastadas as diversas alternativas anteriormente apresentadas e tendo presente as dimensões da cavidade, a sua profundidade e o respectivo diâmetro, e tendo ainda em consideração os pequenos fragmentos carbonosos conservados no seu interior – os quais não existiam no sedimento que embalava a

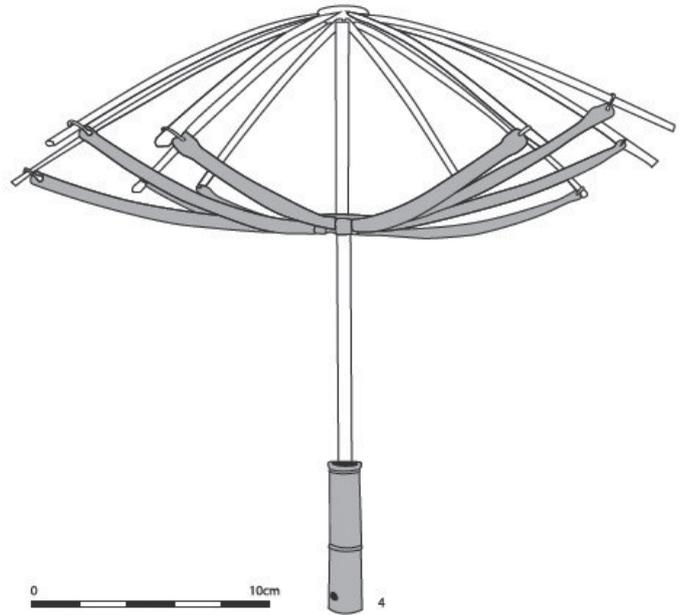
---

4 Estas grandes facas ou cutelos também se utilizavam como armas, tanto nas refregas como na caça.

peça – a alternativa que se afigura mais adequada é a de a atribuir ao cabo de uma sombrinha (*umbracula*) (Fig. 7). Com efeito, esta alternativa corresponde a um objecto com larga tradição no mundo pré-clássico e clássico, existindo exemplos registados na Pérsia (Fig. 8), no Egipto e na Grécia antiga (Fig. 9), de onde passou ao mundo romano.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sombrinha romana gozava de grande aceitação entre as damas da alta sociedade, como símbolo de distinção que integrava o *mundus mulieribus*. A sua função era a de proteger a senhora dos raios solares, de modo a manter a sua habitual palidez e não se utilizava para resguardo da chuva, sendo a cobertura de couro. Tal como as sombrinhas e guarda-chuvas actuais, abriam-se e fechavam-se (Ovid. *Ar. Am.* II. 209) (BÉAL, 2015, p. 189, Fig. 10-12).



**Fig. 7** – Reconstituição gráfica da sombrinha do Museu de Tarquinia, com base nos elementos existentes, indicados a sombreado (BÉAL *et al.* 2015, p. 187).



**Fig. 8** – Exemplo de sombrinha na cultura persa. Iran Facts and History.



**Fig. 9** – Pormenor de vaso com a representação de uma mulher com uma sombrinha. Campania (Italia). Note-se o pormenor do cabo, possivelmente de marfim, como o de Oeiras. Giclee Print by | Art.com.

O exemplar de Oeiras corresponde ao cabo, no qual se fixaria a haste de madeira ao longo da qual se deslocava, apoiado numa corrediça, a estrutura articulada móvel constituída pelas varetas e pelos braços das mesmas, apoiados na corrediça, conforme se indica na Fig. 7.

A decoração, constituída por caneluras, é motivo muito frequente, pois possuía também uma finalidade prática, a de facilitar a apreensão do objecto à mão. Conhecem-se variantes para estas decorações no mundo romano, o que dificulta a identificação de paralelos exactos para o exemplar de Oeiras. É o caso dos punhos de espadas ou os cabos de cutelos/facas de Mainz (Alemanha) (MIKLER, 1997, lám. 50, n.º 2 y 3) de Chew Valely Lake (Inglaterra) (MacGREGOR, 1985, p. 168), de (Sz ny, Hungria) (BIRÓ, 1994, p. 141, Fig. III, n.º 14), com caneluras mais espaçadas, e o cabo da navalha de *Avgvsta Emerita* (Mérida, Badajoz) (RODRÍGUEZ MARTÍN, e.p), entre outros. O paralelo mais próximo, no respeitante à decoração, que não à funcionalidade, pois trata-se do punho de uma espada, é o de Dunapeutele (Hungria) (BIRÓ, 1994, p. 141, Fig. III, n.º 17), ao qual corresponde cronologia próxima do exemplar do Oeiras, dado que a autora referida o situa na segunda metade do século II d.C.

A apenas cerca de 4 km para norte de Oeiras localizava-se a *villa* romana de Freiria, onde foi recolhida a ponta em osso de uma vareta de sombrinha (CARDOSO, 2018, p. 368, Fig. 295, n.º 10) (Fig. 10).

A singularidade do achado, durante a escavação do peristilo da *pars urbana* desta *villa* levantou uma questão que, com a descoberta do cabo de sombrinha da *villa* romana de Oeiras, em parte se dissipou. Com efeito, sendo a sombrinha, uma rara peça utilitária das classes romanas mais abastadas, o facto singular de apenas até agora se conhecer uma ocorrência confirmada no território peninsular fica, em parte explicado pela identificação do belo cabo de Oeiras. Assim, não obstante serem apenas estes os exemplares que até agora se identificaram em toda a Península Ibérica, a sua ocorrência muito próxima leva a admitir que se estará perante uma moda entre as mulheres das elites proprietárias das *villae* região ocidental do *ager olisiponensis*.

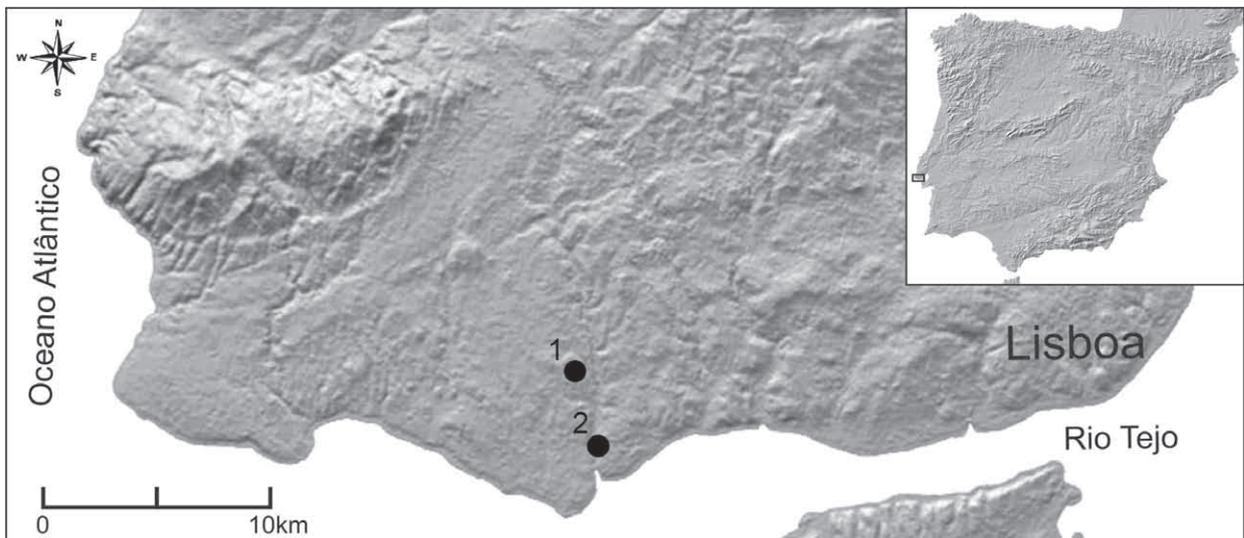


Fig. 10 – Localização da *villa* romana de Freiria (1) e da *villa* romana de Oeiras (2), na região ribeirinha da margem norte da foz do rio Tejo.

## REFERÊNCIAS

- ANDERES, C. (2006) – *Il y a un os! Artisanat d'un matériau singulier: de l'os à l'Objet*. Nyon.
- BAQUEDANO, E. & CABALLERO, C. (2001) – Marfiles excepcionales de Carranque. In CORTÉS, E. & PATÓN, B. (Coord.), *Carranque. Centro de Hispania romana*. Catálogo de la Exposición celebrada en el Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, 27 de Abril al 23 de Septiembre de 2001, Alcalá de Henares, p. 141-150.
- BÉAL, J. C.; BEL, V. & BONNET, CH. (2015) – À propos de trois ombrelles antiques en contexte funéraire dans la vallée du Rhône. *Revue archéologique de Narbonnaise*. 48, p. 181-192.
- BÍRÓ, M. T. (1994) – *The bone objects of the Roman collection*. Catalogi Musei Nationalis Hungarici, Series Archaeologica II (Budapest).
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & MARTINS, F. (2018) – Oeiras na Antiguidade Tardia: alguns materiais recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas na Rua Marquês de Pombal, 3-7 (Centro Histórico de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 24, p. 471-482.
- CARDOSO, G. (2018) – *Villa Romana de Freiria Estudo Arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GONZÁLEZ DE CANALES, F.; SERRANO, L. & LLOMPART, J. (2006): “Las evidencias más antiguas de la presencia fenicia en el sur de la península”, *Mainake*. 28, p. 105-128.
- HRN IARIK, E. (2017) – *Bone and antler artefacts from the roman dort at Iza*. Archaeologica Slovaca Monographie, XXIII. Nitra-Tyrnavia- Komárom.
- LEQUÉMENT, R. (1977) – Rapport préliminaire sur deux sondages effectués à Mérida. Septiembre-Octubre 1973. *Noticiario Arqueológico Hispánico. Arqueología*. 5, p. 145-166.
- LIESAU VON LETTOW-VORBECK, C. & SCHUHMACHER, TH.X (2012) – Un taller de marfil en el yacimiento argárico de Fuente Álamo (Cuevas de Almanzora, Almería). In BANERJEE, A; LÓPEZ PADILLA, J. A & SCHUHMACHER, T. X. (Edts.), *Elfenbeinstudien, Faszikel 1: Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental*. Actas del Coloquio Internacional celebrado en el Museo Arqueológico de Alicante en 2008. Iberia Archaeologica, 16 (1), Mainz, p. 121-138.
- KOVA, M. (2017) – Gladijator s obale Drave. In T. HRSAK, *Provijest archeoloskih istrazivanja u osječkoj Turdi. Turda u Osijeku Festum in Esseg (Fortress in Osijek. Exhibition catalogue)* Muzej Slavonije, p. 45.
- LUZÓN NOGUÉ, J. M. (1975): *La Itálica de Adriano*. Sevilla.
- MACGREGOR, A. (1985) – *Bone, Antler and Horn. The Technology of Skeletal Materials since the Roman Period*. London.
- MIKLER, M. (1997) – *Die römischen Funde aus Bein im Landesmuseum Mainz*. Montegnac: Monographies Instrumentum, 1.
- MARTÍNEZ SÁNCHEZ, M. A. (2009/2010) – Elementos óseos de Morería (Ladera Noroccidental del Cerro del Molinete, Cartagena). *Anales Murcia*. 25-26, p. 177-211.
- NOCETE, F.; VARGAS, J. M.; SCHUHMACHER, T. X.; BANERJEE, A. & DINDORF, W. (2013) – The ivory workshop of Valencina de la Concepción (Seville, Spain) and the identification of ivory from Asian elephant on the Iberian Peninsula in the first half of the 3rd millennium BC. *Journal of Archaeological Science*. 40 (3), p. 1579-1592.  
<http://paleorama.wordpress.com/2013/04/08/publican-articulo-sobre-el-taller-de-marfil-mas-antiguo-de-europa/>
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2014) – Artesanos y talleres del hueso en la Hispania romana”. In BERNAL, D. & BUSTAMANTE, M. (Edts.), *Artífices Idoneos. Artesanos, talleres y manufacturas en Hispania* (Mérida, 25 y 26 de octubre de 2012). *Anejos de AEsPA* 65, p. 376-410.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2017) – *Fragments de lecho funerario romano*, Museo Arqueológico Municipal de Jerez. La pieza del mes (Jerez de la Frontera).
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (e.p.) – *La industria ósea en época romana en Hispania*.
- TARACENA, B. (1947) – Objetos de la necrópolis romana de Palencia. Objetos de hueso. Madrid: *Adquisiciones del Museo Arqueológico Nacional (1940-45)*, p. 83-103.